



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 455 — Preço 1\$00
19 DE AGOSTO DE 1961

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

OU a palavra ao Oscar, do Batalhão de Caçadores 160, desde 28 de Julho passado servindo em Moçambique. Ele exprime, com o valor de ser ele, o pensamento e o desejo que esta coluna tem registado várias vezes:

Somos precisos em África muitos e bons. Se não puder ser, poucos mas bons.

E o desejo de que muitos dos nossos rapazes engrossassem este número dos bons; e fossem, na consciência plena de que jamais se servirão melhor e prepararão com mais segurança o futuro dos seus filhos, do que indo na disposição de servir.

Ora vamos à carta dele:

«Cheguei aqui a Entre-Rios no dia 28. Depois desta viagem já me conformei, que aqui neste bocado de terra também é Portugal.

Não sei se o Senhor Padre Carlos conhece este sítio perto de Nampula; é realmente formidável, e já me sinto arrebatado com o ambiente. Este vale é sem dúvida uma fonte de riqueza onde uns 20 metropolitanos aqui existentes empenham os seus haveres agora recompensados pelos frutos excessivos. Quero ver se consigo arranjar aqui algum meio de vida como lhe expus o meu plano antes de partir, e o Senhor Padre aprovou, que se achava bem que cada rapaz se colocasse a si próprio. Se não conseguir, paciência, pois o meio também é pequeno.

Aqui trabalhamos cada qual no seu ofício. Os que o não tinham na vida civil vão fazendo qualquer coisa para não ficarem inactivos. Em conjunto com os indígenas lá vamos marcando compasso para uma vida mais civilizada, e então eles que nos olham com bons olhos pelas coisas que lhes vamos ensinando, e pelas pequenas diversões que se organizam: como espectáculos, que no barco já tínhamos ensaiado, futebol, etc.. Num aspecto geral gosto imenso deste local com as suas montanhas rochosas e o leito do Rio Malema serpenteando no sopé das mesmas montanhas.

Espero que o Senhor Padre se encontre de saúde, bem como toda a comunidade. Cumprimentos para todos. O Senhor Padre Carlos receba um abraço do que lhe beija a mão. Um abraço tam-

bém para o Senhor Padre Manuel António».

Oscar Manuel

Temos, pois, o nosso homem «conformado» e «arrebatado» com a beleza e as possibilidades do rincão português onde ora vive. Pena que sejam tão poucos: «uns vinte metropolitanos!» Contento porque os indígenas «nos olham com bons olhos». E outra vez contente porque lhes levam «uma vida mais civilizada, pelas coisas que lhes vamos ensinando e pelas pequenas diversões que se organizam». Deus guarde sempre os nossos soldados neste espírito de colonos, no mais generoso, no mais cristão sentido.

Há outra nota que eu festejo com muita alegria: o trabalho.

De uma vez, há anos, um dos nossos dando o seu tempo num quartel, passadas semanas sobre

a recruta, manda-nos uma fotografia de mãos nas algibeiras, encostado a uma árvore em posição amolengada — e esta legenda: «Assim passo os meus dias».

Eu acho que a tropa faz muito bem aos rapazes. Sou por ela. Sou por ela enquanto eles dão o corpinho ao manifesto! Depois, quando começam a passar *assim* os dias, temo-a de veras.

Ora em Malema, não é *assim*: «Aqui trabalhamos cada qual no seu ofício. Os que não o tinham na vida civil vão fazendo qualquer coisa para não ficarem inactivos». Assim é que é!

O Oscar é carpinteiro. Bem jeitoso, por sinal! Temos a certeza de que ele há-de arranjar por lá algum meio de vida e de que se não há-de arrepender quem lhe der a mão, nem perderá nada em tê-lo lá, Portugal.

NOTA DA QUINZENA

Foi no terceiro domingo de Julho. Dias antes, tinha chegado um postal a anunciar a vinda e a pedir, ao mesmo tempo, que não começássemos a Missa de domingo, sem que chegassem. Era uma camioneta cheia de passageiros, das bandas da Ribeira, gente do Barredo, simples, franca, que vinha rezar junto ao túmulo de Pai Américo.

O tempo de verão — sobretudo no verão — chama à nossa Aldeia, aos domingos, e por vezes também à semana, grande multidão de pessoas: a pé, de bicicleta, de automóvel, de camioneta, de combóio, utilizando todos os meios de transporte. Logo de manhã cedo, quando o silêncio cobre ainda a Aldeia, começa a procissão de gente de todas as idades e categorias sociais.

Mas aquela excursão do Barredo calou fundo na alma de todos nós. Pareceu-nos diferente — e era! — da maior parte das excursões que nos visitam.

Durante muitos anos, era Pai Américo que ia vê-los, entrar em suas casas e conversar com eles.

Sofrer com eles. Alegrar-se com eles. De tal modo que os últimos anos da vida de Pai Américo estão tão ligados ao Barredo que não se poderá fazer a história deles, sem a presença deste.

Agora são eles que vêm visitar o Amigo. A gratidão assim o manda. Estabelecem o programa. Nele incluem como parte essencial, a assistência à Missa de domingo na nossa Capela. Sabem que a melhor maneira de honrar Pai Américo é vê-lo intimamente ligado ao Altar. Sabem que Pai Américo foi Padre e porque o foi pôde realizar o que vemos e o que não somos capazes de ver. E sempre que Pai Américo é apresentado doutro modo, deturpa-se a sua personalidade. Foi no Sacerdócio, como em caudal inesgotável, que a Obra da Rua encontrou a seiva que jamais a deixaria morrer.

Por isso, a vida de Pai Américo não pode ser compreendida sem o Altar. Concerteza muito sofreria, se pudessem, quando os homens, por ignorância ou por proselitismo (o que é pior!) fa-



Centro Social continua a subir. Direi melhor: Já está nos acabamentos. Em breve, aqueles rapazes entusiasmados, que desde a primeira hora alimentaram seus projectos (alguns um pedacito utópicos!), a par daquele projecto razoável que se está realizando — em breve esses rapazes poderão trocar o velho andar onde tem funcionado o seu

Clube por aquela nova sede, que há-de ser sede, também, de muitas outras actividades preciosas para os pobres habitantes do Barredo.

«Dar a mão... O nosso povo diz tão bem!... Ó meu senhor, dê-me uma mãozinha...! Que lindo o falar do nosso povo!»

Vêm-nos à mente e ouvimos estas palavras textuais de Pai Américo, ao contemplarmos a reacção tão feliz destes rapazes, ontem abandonados nas vielas sombrias onde moram, entediando-se no convívio do vício que também ali mora, posto seja uma «terra de heróis, de mártires, de santos».

Hoje é diferente! Deram-lhes a mão. Eles tomaram essa mão fraternalmente oferecida e apertaram-na entre as suas e não na largam, com medo que lhes fuja!

As ideias multiplicam-se na sua imaginação pródiga, de adolescentes e de jovens. Queriam um chão falso, na sala principal do Centro e por baixo uma piscina... Querem um pequenino palco para as suas habilidades teatrais... Querem entreter-se e chamar outros, dos tais que se andam entediando de tudo e de todos e da própria vida, para que ressurgam na descoberta de outra vida — experiência de amor fraterno que eles já vêm realizando.

Ó monumento a Pai Américo! Onde outro mais belo e verdadeiro na cidade do Porto, do que este, directamente dedicado ao bem dos seus «heróis» desse Barredo que ele tanto amou?!

Eu não acredito que o Porto vá continuar a lançar as suas moedas — amorosamente é certo, mas em amorosa cegueira! — à relva de um jardim. Tampouco que gaste em velas a luz que pode acender em tantas almas ensombradas dos barreiros! Ou que deixe murchar, como as flores que ali põe, almas que podiam ser salvas de murchar com a água regadia do seu amor racionalmente dado!

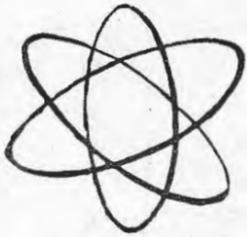
Por isso, aqui escrevo a minha esperança de que essas moedas e essas flores e essa luz sejam procissão florida, luminosa, da Caridade que arde nos corações bons do Povo português, a caminho do Secretariado de Acção Social das Conferências Vicentinas, na Rua Clemente Meneres, 76, onde por ora pulsa o coração que em breve há-de bater junto ao rio no próprio Centro Social do Barredo.

lam dele e esquecem o sacerdote, e esquecem a razão de ser de uma vida tão fecunda: a graça recebida na ordenação sacerdotal que nele pôde trabalhar à vontade, empurrá-lo para onde queria, como instrumento dócil mas consciente.

Os Pobres do Barredo compreenderam Pai Américo. 1.º r

isso, antes de se ajoelharem diante da pedra de granito que cobre o seu corpo, dobraram os joelhos e rezaram diante do Sacrário e agradeceram ao Deus Vivo, no meio de nós, a graça tão grande de ter feito Pai Américo Padre.

Padre Manuel António



FACETAS DE UMA VIDA

Campanha de assinaturas

Quanto melhor vamos conhecendo os passos do Américo desde as despedidas de África até ao Convento em Espanha, mais mergulhamos no mistério de contradição que sempre acompanha aqueles que se dispõem a seguir Cristo Jesus, o Sinal da Contradição.

Já assinalámos a agitação deste período. Mas não é tanto a agitação-movimento que nos queremos referir; é às mudanças rápidas de rumo, sem se ver bem a razão porquê.

O convite dirigido pelo Amigo do Funchal para que fosse trabalhar consigo, teve origem «no penúltimo parágrafo da sua carta de 26/Setembro/22», conforme telegrama expedido no Funchal em 8/1/23. De facto, o relato que o Américo faz do próximo desemprego, parece pessimista: «Já tenho o meu plano feito. Ir-me embora e esperar junto da minha gente melhores dias».

O Amigo, de tão amigo que era, reagiu imediatamente com aquela oferta de trabalho.

E logo se estabelece uma densa correspondência durante aqueles dois últimos meses de 1922, sem que o Américo tivesse chegado a conhecer o desemprego ou qualquer dificuldade em encontrar quem lhe desse trabalho.

Está muito bem. Está satisfeito. É estimado pelos seus superiores. Sustenta um bom padrão de vida por 20 libras mensais e ganha entre 40 e 50. Gosta de Lourenço Marques, tanto... que ainda três meses antes declarara: «...por vontade própria não escolherei nova terra para trabalho!» Pois, apesar de tudo, à voz do Amigo, dispõe-se a deixar tudo, «a trocar o certo pelo incerto» — e vai.

Eu vou hoje ocupar-me um nadinha de cronologia para bem situar os acontecimentos, porquanto, embora haja por esse mundo *historiadores* que fazem *histórias* com documentos sem data, a verdade é que a História jamais se pode elaborar em independência do tempo!

Aquele mesmo dia 11/Novembro/22 em que o Américo escrevia a carta ultimamente publicada, o Amigo despedia do Funchal telegrama propondo-lhe que fosse trabalhar consigo. O Américo responde em 13 do mesmo mês pedindo condições e telegrafa dois dias após. Em 20 segue carta de Lourenço Marques ditando as condições em que iria (carta publicada no n.º 412 de 26/Dezembro/1959).

Em 4/12, sem ter recebido ainda qualquer resposta, comunica-lhe «a resolução, que agora é definitiva, de ir para ahi trabalhar». Irá pelo «Pedro Gomes» ou via Cabo, «mas, seja como for, tem-me ahi por todo o mês de Fevereiro que vem».

Neste meio tempo veja V. se me arranja ahi uma pensão decente e, sobretudo, decentemente concorrida, aonde eu me possa

instalar até me ser possível arranjar casa própria».

Em 8/12, dá telegrama: «Sigo «Pedro Gomes», o qual confirma em carta de 11/12, «devendo portanto estar ahi na primeira semana do mês de Fevereiro».

Entretanto; 13/12, o Amigo telegrafa: «Pergunte Cabral minha situação. Subsiste desejo seus serviços. Convidando-lhe, diligencie embarque imediato». Ao que ele responde em carta de 18/12/22:

Meu caro N.:

Hoje não lhe posso ainda confirmar o meu telegrama em que dizia que sigo pelo «Pedro Gomes», mas se me não for possível tomar este barco, então vou ao Cabo apanhar o primeiro vapor a sair dali no mês de Fevereiro e por consequência devo estar no Funchal nos fins de Fevereiro.

O A., que a princípio acolheu muito bem as probabilidades da minha situação futura ahi na sua companhia, agora vem-me com dúvidas. Para que troco, diz-me ele, o certo pelo incerto, uma casa feita por uma que se vai fazer, que aqui estou muito bem, que veja o futuro da casa Breyner, que ganho um bom salário em dinheiro que vale etc. etc. etc. E como a tudo eu respondesse que era meu desejo partir, ele então diz que sim, que me não põe entaves, mas que tenho que lhe dar tempo a arranjar alguém que fique no meu lugar. E eis a razão porque lhe não

posso dizer a certeza se sim ou não poderei tomar o «Pedro Gomes».

Também, por dever de gratidão, escrevi uma cartinha para l'burg ao Director da casa Orenstein & Koppel, Senhor Perlstein e ele respondeu que me deseja todas as prosperidades e agradeceu a minha atenção. Mas deseja saber «why do I leave the firm and hopes that before taking a final move I consider the future of Orenstein & Koppel, should I not care much for Breyner & Wirth etc. etc. etc.».

O G. está actualmente em l'burg e só vem no dia 28 do corrente e então haverá concluído dos três Directores para tratar de arranjar a pessoa para me substituir.

Eu continuo a não fazer ideia do custo e condições de vida ahi. Sei que não poderei ter o ordenado que aqui tenho, mas visto que vou trabalhar e viver dum ordenado, que lhe parece £30 pagas ao câmbio do dia? Isto representa um corte de £20 no meu presente salário e eu aqui vivo bem, com casa própria e tudo à minha moda, com £20 por mês.

Enfim, v/ está ahi e sabe o que me é preciso. Por outro lado conhece a minha vida de sempre e as minhas necessidades.

Adeus. Lembre-se de mim ahi em casa e até muito breve.

Seu amigo,

Américo de Aguiar

AUTO-CONSTRUÇÃO

A Bíblia, nesse livro tão pequenino e tão grande que se chama Salmos, recorda-nos: «Feliz aquele que se interessa pelo pobre; nos dias maus o Senhor o livrará». O autor não falou nem só dos indigentes, nem só dos pobres. Foi bem claro: Feliz aquele que se interessa pelo indigente e pelo pobre.

Quando se pergunta a respeito da Caridade, a maioria mesmo dos baptizados, mesmo dos que se dizem cristãos, reduz a caridade à esmola e a esmola ao tostão dado ao desgraçado que bate à porta, mas a Caridade não é só, nem principalmente, a esmola no sentido comum da palavra. A esmola não é apenas despedir com o tostão e tantas vezes, ao mesmo tempo, com mau humor, o homem sujo, de cabelos crescidos e barba por fazer. Certo, é sempre pouco o que se faça pelos indigentes; mas temos de não ficar por aqui. Não. Aqueles que têm uma camiseta não consintamos que lha tirem; faremos sim, alguma coisa para que, quanto antes, possam vestir também um casaco. Se a Caridade, seja de

quem for, se não estender até aqui, será conveniente ver se já não estará instalada a inveja no coração. Vale a pena o interesse desinteressado pelos indigentes e pelos pobres. Nos dias maus que todos os homens têm, o Senhor estará presente e os livrará, não os deixando desesperar. Uma casa não é um luxo mas uma necessidade. A grande maioria da nossa gente, no momento que corre, nunca terá uma casa sua se não for orientada e ajudada. É a finalidade de Auto-Construção: Orientar, animar e subsidiar grupos de poucos trabalhadores a fazerem eles mesmos para si próprios as suas vivendas. Quem se negará a compreendê-los e a ajudá-los?

Além das migalhas daqui e dali que têm garantido e continuam a garantir o movimento, mais três presenças a garantirem a construção de três casas e meia: «Em resposta ao seu cartão de 10-VI p. p. faço seguir um cheque de cinco contos» É a Obra da Rua, obra pobre que continua a ajudar os pobres. «Um rapaz muito nosso amigo entregou-me cinco contos para uma casa de Auto-Construção». É a pre-

A VOZ DOS LEITORES — Esta procissão não enfada, não esmorece! Cria mas é novos devotos. E quão fervorosos! Ora leiam:

«Não calculam a alegria que sinto por ter tido a dita de conhecer a vossa Obra. E como não podia deixar de ser, não descansarei enquanto não a fizer conhecida daqueles que a não conhecem. Para já, vão só duas assinaturas, pois quero que os assinantes que arranjar, fiquem com o conhecimento profundo da Obra da Rua, para também não descansarem e arranjamem por sua vez, novos assinantes. Brevemente penso ir dar um passeio à vossa casa de Setúbal e entusiasmar o grupo que irá comigo. Peço-vos que rezem para que jamais me deixe esmorecer no apostolado e que Nosso Senhor me ajude a vencer todos os obstáculos que surgem e irão surgir».

Não fosse mais nenhum assim, e só por esta devota valeria a pena continuar. «Quero que os assinantes que arranjar, fiquem com o conhecimento profundo da Obra da Rua (o sublinhado é nosso), para também não descansarem e arranjamem, por sua vez, novos assinantes». Eis o objectivo da Campanha!

Prá frente estimada leitora; e que Deus «ajude a vencer todos os obstáculos que surgem e irão surgir» — coroa de glória do seu apostolado.

E, agora, um postal de um Sacerdote. Ele aqui está:

«Cumpre-me dar conhecimento do seguinte:

- Queria ter aquele jornal.
- Vamos pedi-lo?
- Sou tão pobre que não posso pagá-lo. Como me sentia bem quando o lia!

Assim falava o Sr. Rocha. Consolava-me ao ver, como tantos que como ele, postos à margem da sociedade, têm no Amor de Cristo quem os console e ajude.

— Quando podia também matei a fome a muitos, muitos: também dei esmolas sem medir, a pobres envergonhados: também ajudei a levantar casas, etc. etc. Rematava o Senhor Rocha. De facto foi

sença de um senhor engenheiro. «Junto envio, em cheque à sua ordem, a importância de oito mil escudos destinada a Auto-Construção» É de um industrial do Porto. Auto-construção acabará por ser ajudada pelas entidades oficiais e pelos particulares. Quando todos se persuadirem a valer, que é melhor prevenir que remediar. Levar grupos de oito, dez trabalhadores pobres a construírem, principalmente nos momentos livres, as suas próprias habitações não será prevenir muita coisa? Todos nós acreditamos que sim.

Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira

Padre Fonseca

assim. Agora acha o Famoso o melhor jornal do mundo».

Não sei que mais admirar. Se o cuidado do Pároco pelo seu rebanho, se a fome do Senhor Rocha pelo Famoso. «Como me sentia bem quando o lia!»

Já seguiu o último Desordeiro. E não se preocupe com o vil metal — «O Gaiato» é, por natureza, avesso às contas do mundo.

x x x

PORTO/LISBOA — Eu tinha fé que os lisboetas não deixariam seus créditos por mãos alheias. Não foi uma inundação, é certo, mas um despertar muito alegre, sim. Nós temos especial interesse em conquistar Lisboa, como o Porto foi há muito. Tanta porta onde o Famoso poderia e deveria entrar — e não entra! Ele ministérios, ele repartições; ele casas de operários e de senhores cotados. Ele em todo o lado onde a sua presença é necessária. Lisboa é um mundo sem fim. Um turbilhão. Ora se, ao menos, 10% dos senhores leitores da capital, e são milhares, se dispusessem, poderíamos ir muito mais longe e, sobretudo, tornaríamos mais conhecida e mais amada a nossa casa do Tójal — a Casa do Gaiato de Lisboa.

O Porto segue com o seu fiozinho do costume. Nem altos, nem baixos. O costume!

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — Quando chegamos aqui e olhamos pró que está escrito enchemo-nos de temor. «O Gaiato» é pequeno, a gente descuidada-se e temos de refrear a pena.

Uma leitora da Parede, muito amiga da Obra, afirma:

«Ai vão mais três. Bem queria que fossem 300, mas é tão difícil! Tenho grandes esperanças no trabalho do nosso Famoso dentro destes lares».

Assim, sim. Deus lhe pague. E mais Algés e Mira (a terra do Sr. Padre Horácio), e Alvares e Leiria e Porto de Mós e Almeirim e Rio Tinto.

Mais Sernancelhe e Moscavide (anda por lá muito entusiasmo!) e Setúbal e Ermezinde e Pernes:

«Já há tempos que ando a ver se conseguia mais alguns assinantes, mas o nosso meio aqui é pobre e não tem sido possível, mas graças a Deus que já arranjei um».

Ó satisfação! Temos, ainda, mais terras. O mapa de Portugal é recortado, aqui, todas as quinzenas! Mais Ermezinde, Caramulo, Leça da Palmeira, Golegã, Souzelo, (Castelo de Paiva) e, finalmente, Marinha Grande.

x x x

ULTRAMAR — Apesar das horas graves que por lá se atravessa, a luz permanece. Presentes: Benguela, Mucate e Goa.

Com licença dos senhores vai nesta secção, pela mão de um grande Amigo, uma lista de 5 assinantes da Madeira. Vamos lá ver se os madeirenses acordam!

Júlio Mendes



TRIBUNA de Coimbra

O fim do ano escolar é geralmente para nós um render de louvores. Louvores a Deus e aos filhos de Deus que nos ajudam a aproveitar e a elevar estes pobres seres, profanamente falando, que são os nossos filhos.

Toda a nossa vontade (e para isso empregamos todo o nosso esforço) é que os nossos rapazes se cultivem para valorizarem a sociedade que a alguns tanto desprou. Que eles encontrem e dêem testemunho dos dons que Deus lhes deu.

Não nos preocupa primariamente que sejam expoentes, nem tão pouco meros valores intelectuais diplomados, mas queremos que sejam homens de trabalho, úteis no Reino de Deus, capazes de descobrir e dar rumo a outros valores escondidos.

Infelizmente ainda há entre nós quem pense que só os materialmente desafogados devem ascender às categorias sociais. As classes pobres sejam as classes dos trabalhos humildes. Daí haver tanta ignorância no nosso meio social e tão pouco quem trabalhe com inteligência e amor, embora haja tantas formaturas. Tantas formaturas santo Deus, que nada valem a ninguém!...

Oito fizeram o exame de instrução primária. Ainda só um tem destino. Os outros estão à espera que alguém lhes abra a porta para a vida. Quem vem em nosso auxílio?

Dois terminaram o curso de professor. Um deles, vai já servir a Pátria no serviço militar e o outro, se for admitido, irá cursar o Instituto Aurélio da Costa Ferreira, para amanhã nos ajudar melhor na nossa Casa de Beire. Enquanto tiravam o curso da Escola eles avançaram por outro lado e fizeram algumas cadeiras do sétimo. Horas de sacrifício, privação de aspirações justas, noites perdidas, mas alcançaram a vitória. Um deles perdeu o pai e a mãe em pequenino. O outro é filho de uma pobre de vários homens. Hoje são ambos valores sociais.

O Crisanto, que em pequeno frequentou o Seminário, foi chefe em Miranda e em Setúbal. Foi naqueles anos um bom esteio nosso. Já às portas da vida militar resolveu tirar o curso dos liceus. Fez o 2.º ano na tropa. Fez letras do 5.º ano na tropa. E quando estava nas provas escritas para a secção de ciências, foi chamado para a tropa. Foi alegre, mas subjugado. De fugida veio fazer as provas e ficou bem. Fez ainda cadeiras do 7.º a que dispensou e não fez outra por desinteresse de quem o devia ajudar.

O Chino que não conheceu pai e nem sabe da mãe fez o 2.º ano do Curso Geral de Enfermagem. Quanto este rapaz se tem esforçado pelo seu curso! Que Deus o conserve na bondade e dedicação que ele mostra.

O Dinis, o Horácio e o Caneco, cada um com sua história fa-

miliar bem triste, passaram para o 4.º ano. O Salvaterra e o Cigano fizeram o 1.º ciclo com bons resultados. Quanto me pesa a situação da vida dos pais deste último! Quanto eu tremo pelo futuro deste meu filho! Que ele saiba compreender.

O Joaquim e o Disco frequentaram o curso nocturno da Escola. O Sardanisca fez o ano passado o exame de admissão ao Liceu, mas por falta de carácter não o deixámos continuar, embora ele morra por estudar. Esperamos que o mereça.

Dissemos que esta hora é de render louvores. Louvores a Deus que lhes deu os talentos e os ajudou a pô-los a render. Louvores aos rapazes que os souberam aproveitar e que nos deram tanta alegria íntima e que são um estímulo para todos os irmãos. Louvores ao Colégio Pedro Nunes, Escola do Magistério e a todos (e são tantos!) os que ajudaram estes nossos filhos a triunfar.

Padre Horácio

P. S. DA REDACÇÃO

Aproveito notícias de Miranda e acrescento as do mesmo capítulo nas outras casas.

Em Paço de Sousa, todos os que se apresentaram na 4.ª classe, ficaram bem, menos um, do curso de adultos, que terá de repetir na primeira oportunidade. Dois tipógrafos, o Zé Adolfo e o Ramada foram todas as tardes

para o Porto, de onde regressavam na manhã seguinte, e concluíram o 1.º ano industrial com distinção.

No Lar do Porto, o ano escolar também foi bastante feliz. Apenas o «Lucas» ficou ainda no primeiro ano comercial, depois de dois anos o haver frequentado. Fizemos, há poucos dias, a nossa combinação quanto ao futuro. Ele matricula-se uma vez mais. Mas, se no Natal não apresentar notas satisfatórias, que dêem tranquilidade a respeito do bom êxito do ano lectivo... — acabou!

Os outros cinco dos cursos nocturnos todos passaram e o Alberto, chefe do Lar e funcionário da Sonap, terminou o curso comercial com notas altas.

Ainda assim, no Lar do Porto, quem menos satisfizes foram os estudantes profissionais, os do Liceu, que passaram, um para o 2.º ano, outro para o 4.º, outro para o 5.º ano, todos com média de 12, a qual está abaixo das suas possibilidades e do seu dever de correspondência às facilidades que sempre têm encontrado no Colégio João de Deus, o nosso Colégio no Porto, e no Liceu Alexandre Herculano, que um deles frequenta.

Em Beire, nos cursos especiais para deficientes recuperáveis, os resultados foram também satisfatórios. E alguns dos rapazes já com a 3.ª classe feita — termo daqueles cursos — apresentaram-se à quarta pelo curso de adultos e tiveram aproveitamento.

Aos do Lar de Lisboa, Tojal e Setúbal tenho eu de dar aqui uma reprovação, porque tendo pedido muito a tempo a cada uma daquelas nossas comunidades, os resultados escolares, ainda nada recebi e o tempo de fazer o jornal não perdoa mais.

Graças a Deus, pois, pelos frutos colhidos; e também pelo interesse crescente que se vai notando entre os rapazes pela sua valorização intelectual.

Filhos de pai incógnito

Traz o carimbo de Lisboa este postal:

«Tem o senhor verberado com alto critério as infâmias de grandes que abandonam o seu próprio filho, ignorando-o e votando-o à miséria e muitas vezes ao crime. Já o grande Pai Américo se ocupou muitas vezes, magistralmente, do assunto. Mas nessa altura, enfurecia-me eu, como Ele, contra os cobardes, porque ignorava muitas coisas que sei hoje! Outros que não só os criminosos, também são autores do próprio crime. O senhor também o ignora?»

Eu sei-o hoje por experiência própria! Sou Pai de um anjo que é «oficialmente» filho de pai incógnito. O Registo nega-me o direito de dar o meu nome àquele anjo, obrigando o inocente a enfileirar no trágico rol dos filhos desgraçados. Como pode o senhor condenar apenas os criminosos que abusam de inocentes e infelizes mulheres, para lançarem ignorados rebentos para a rua, sem nome e sem futuro, se o Registo me não permite a mim dar o meu nome a um filho?! Sou também, obrigatoriamente, um facinora! Que culpa têm, esta e outras crianças que são meus filhos?!

O Casamento Religioso é inseparável. Está bem. Mas que tem esse facto, que prejuizo haverá em eu registar como deve ser os meus filhos? Não é obrigatório o registo civil das crianças e não posso eu repetir o acto baptizando-as?»

Quem responde, e quem é capaz de dar uma ajudazinha a isto? As culpas dos pais não podem ser atribuídas aos filhos. Essa injustiça cria revoltas interiores que jamais serão caladas nos corações de quem nas sente.

Precisamos de alguém que possa defender estes vastos casos que nos envergonham. Eu tenho em meu poder uma carta de alguém que fala numa associação, com o seu advogado, para defender e apresentar a Justiça.

Eu queria que essa dita, fosse feminina, dado que a mulher é a primeira vítima. Seria preciso quem estudasse primeiro o Evangelho.

Aqui fica o postal mais a lembrança.

Outro dia, foi alguém ter com um advogado para ir defender uma causa. Que não; não defendia a mentira. Pois é destes que que a nosso causa precisa.

Ernesto Pinto

UMA CARTA

«Meu pai, aflito com a minha situação, prometeu enviar para a Casa do Pai Américo, o primeiro ordenado que eu ganhasse, por intenção da boa saúde e boa sorte dos meus Patrões e de suas Ex.mas Famílias.

Envio agora metade e outro tanto enviarei no fim do próximo mês de Junho, para completar essa conta, porque o Pai Américo ouviu os rogos do meu paizinho.

Estou contente porque imediatamente dois empregos me apareceram e ambos os Senhores me queriam, mesmo depois de eu lhes contar toda a minha triste verdade.

Tomei assim um emprego onde me encontro e agradeço muito ao outro Senhor que igualmente me queria.

Tenho uma grande mancha de cor rósea que me apanha todo o lado direito da minha cara e dão-me ataques de quando em quando e se tudo isto não bastasse para todos vivermos apovantados, fui este ano no 2.º período eliminado no Liceu, onde frequentava o 2.º ano, por falta de aproveitamento.

O Senhor Vice Reitor disse que eu não acompanhava as lições. Valha-me S. Gabriel!

Cá estou empregado e os meus chefes e os meus colegas querem-me muito e eu também sou muito amigo deles. Gostava de adivinhar as ordens de meus chefes para que quando me as dessem as ter já cumprido, pois seria essa a forma de lhes mostrar a minha gratidão e amizade.

Assim, com os meus respeitosos cumprimentos, rogo muito ao Senhor Padre Baptista que à Santa Missa se não esquecesse de agradecer ao Pai Américo e peço ainda que lhe diga também que se escrevi e assinei esta carta, é porque julgo que toda a verdade a seu respeito na Terra, deve ser conhecida de todos que muito lhe querem e o continuam admirando».

Ele ainda há no mundo corações espantosos!

Continua na 4.ª página

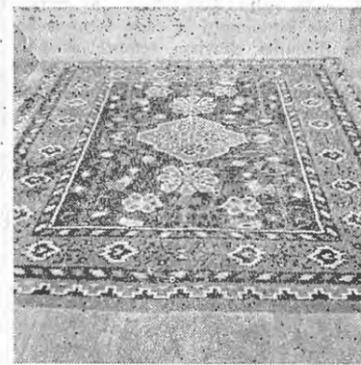
Férias forçadas em Ordins

Naquele dia de sol escaldante, escolhido, com bastante antecedência, pelas senhoras tecedeiras, fomos visitar suas casas e jardins. É assim todos os anos. Cuidar do jardim é uma obrigação da tecedeira. Cada vez mais se lhes vem fazendo sentir que tal obrigação é para cumprir. Acho que uma mulher deve tornar, na medida do possível, a sua casa bela e aprazível e que um pequeno jardim é indispensável na casa dum pobre.

Tem havido, por vezes, prémios a estimulá-los. Algo foi já conseguido. Tecedeiras havia, porém, que vinham teimando em não cumprir o regulamento. E, este ano, surgiram, como de costume, prémios e, o que ninguém suspeitava, penas para as faltosas que vinham dormindo, a sono solto. São três meses de suspensão do trabalho dos chales para as preguiçosas. O castigo não é pesado, pois, agora, quase não há encomendas. Não obstante, foi-lhes dito que, se antes preferissem cardar 3kgs. de lã para cobertores, levantar-se-

lhes-ia o castigo. Frizei, então, que Ordins tinha evoluído, e hoje já não apresentava tanta miséria, como quando nasceram os chales. E uma das provas é que as tecedeiras de hoje, porque vivem melhor, não se querem sujeitar, como no princípio. Lá no fundo da freguesia estão mulheres que passam privações, cobiçam o trabalho dos chales e têm boa vontade para cumprir o regulamento da tecedeira. Ora nesse caso lancemos a mão às de longe, já que as de perto não querem.

A comutação da pena não teve o efeito desejado. Das quatro, só uma, e a instâncias da sua vicentina, se pôs a cardar a lã. Outra, e tinha-a até aqui ajudado tanto, preferiu deixar-nos. São deste barro as tecedeiras dos nossos chales. Querem mais? Há tempos recebemos uma pobre rargia, já com dois ilegítimos, um de cada pai. Ao entregar-lhe mensalmente o produto do seu trabalho, ia sempre uma palavrinha e apontava-lhe o regulamento da tecedei-



São assim as carpetes de Ordins. Esta mede 2,30 m. x 3 m.

ra: rapariga que não quisesse deixar o passado desonesto sem exclusão do grupo. Ela dizia sempre que não: mas, agora, soube-se que sim, continuava no seu pecado. Abandoná-la? Cardar lã em castigo. Marcou-se-lhe tarefa e tempo. Passou o tempo e ainda não apareceu. Mas se este passou, não a tarefa, que terá de cumprir... quando ela quiser. Mas só depois se lhe dará novamente trabalho.

Padre Aires



MIRANDA DO CORVO

Neste ano lectivo houve um resultado bem forte que deve ser descrito: a formatura dos nossos Professores Carlos Manuel e Carlos Alberto. A

No sábado fizemos os preparativos para os recebermos convenientemente no domingo pelas 11 horas. Não havia em nossa Casa recanto algum que não deitasse o seu aroma perfumado de festa. Desde a entrada da Casa até à Capela, o chão encontrava-se

PELAS CASAS DO GAIATO



eles fizemos uma festa muito merecida porque foram, durante a sua vida de estudantes, os grandes conquistadores do bem. Havia, portanto, em todos nós um forte motivo, uma razão especial que nos levou a homenageá-los no dia 16 (domingo) do mês passado.

A homenagem não foi dirigida somente a eles. Até em primeiro lugar foi a Deus (porque dEle tudo depende) e depois a Pai Américo.

Pois nesse domingo tivemos festa rija. Não me lembro de, até hoje, se fazer uma festa tão forte em que a alegria reinou de manhã à noite em todos nós. Talvez essa alegria espontânea daquele dia dependesse também da de Pai Américo no Céu ao ver o seu sonho concretizar-se. Durante a sua permanência física junto de nós teve sempre o grande anseio de ver Professores filhos da Obra da Rua e finalmente, o seu sonho tornara-se realidade.

Uma Carta

Continua na 3.ª página

Provado, bem provado pela doença — e que humilhante mal! — este rapazito. Pois nem uma queixa! Nem uma maldição! Desde o princípio ao fim a sua carta transpira acção de graças pelos dons que Deus lhe tem feito, posto tão dolorosamente, também, o venha experimentando!

Compreende a sua situação. Já sabe, talvez por experiência adquirida, que o mundo se não ocupa nem costuma ocupar dos fisicamente diminuídos. Por isso tão contente, porque «dois empregos me apareceram e ambos os Senhores me queriam, mesmo depois de eu lhes contar a minha triste verdade!» Tão cheio de gratidão e de amor, que «gostava de adivinhar as ordens dos meus chefes para que quando mais dessem as ter já cumpridas, pois seria essa a forma de lhes mostrar a minha gratidão e amizade».

Que luz! Que formosura! Feliz porque tudo acontece como Deus permite e, sendo assim, está bem!

Feliz, porque não se prende ao que de desgraça há na sua vida; antes a esquece e mergulha nos dons que Deus lhe deu e esses, os faz render a 100 por 100 — e o prémio é o gozo sem mancha de uma fertilidade total!

Que lição para os que sofrem pouco e não sabem sofrer! Para os que têm quase tudo e vivem na dor do quase nada que lhes falta!

Que lição para os que desprezam o trabalho de um doente e tão precipitadamente o classificam de inútil (Materialistas, senão de pensamento, pior: do coração!) — sem atentarem na riqueza que é para todos nós o esforço, a intenção, o amor que um coração espantoso tem para nos dar, ainda que bata num corpo frágil, sem helez!

Ele termina «por pedir licença par lhe beijar as suas mãos abençoadas». Somos nós que lhe pedimos para o fazer.

tapetado de verduras e de flores multicolores. Ao fundo, mesmo à entrada, estava um tapete de serradura com as vogais do alfabeto. A servir de escola à rua principal havia numerosos vasos com plantas e flores fresquinhas da manhã de domingo. Pela rua fora estavam bem patentes alguns dísticos saudando-os. Dizia um: «Bem-vindos sejam os nossos irmãos Professores». Outro ainda: «Sede bem-vindos à casa que vos criou». No largo, do portão à Capela, estava um tapete com desenhos artísticos no fundo do qual se notavam duas estrelas significando os dois Professores.

Depois dos últimos preparos no domingo até às 10 horas e 30 minutos foi toda a malta para a entrada fazendo 2 filas na estrada. As 11 horas chegaram, na nossa Opel, e trouxeram como membros da família a Sra.ª D. Julieta de Carvalho, que tem sido a mãe de todos os nossos estudantes, a Sra.ª D. Helena e a avó do Carlos Manuel que fora a sua querida mãe até aos 7 anos.

Ao saírem da Opel houve distribuição de abraços, cumprimentos, saudações, mas, tudo numa harmonia familiar. Depois começou o desfile pela rua acima com os Professores à frente seguidos respectivamente de toda a família. Chegados à Capela principiou a Santa Missa, e foi por aí que começou a festa daquele grande dia para todos nós. Foi celebrada pelo Sr. Padre Horácio tendo como ajudantes directos os professores participando, desse modo, mais activamente do Santo Sacrifício da Missa. Ao ofertório eles levaram ao altar um ramalhete espiritual que lhes havíamos oferecido, 2 velas acesas, hóstias para a Comunhão, as galhetas com vinho e água e depois de joelhos repetiram a sua consagração a Deus.

Como Pai Américo deveria estar contente nesse momento no Céu lançando a benção sobre dois dos seus filhos que souberam realizar o seu grande desejo. Houve, como não podia deixar de ser, naquele dia tão solene, comunhão geral. A Missa foi cantada louvando a Deus com cânticos de Amor.

Depois de bem tratada a alma, fomos acomodar o estômago com o almoço que nesse dia fora um autêntico banquete. Na mesa havia das mais variadas e saborosas iguarias. Nada faltava ali. Durante o almoço, que foi bastante prolongado houve alguns discursos e brindes feitos por alguns rapazes em nome de cada Casa, pelo Sr. Padre Horácio, pela Sra.ª D. Julieta, terminando pelos nossos dois Professores agradecendo. A cada salto das roldas das garrafas de espumante, a cada terminação de discurso choviam sempre as palmas vibrantes da parte de todos, principalmente dos pequenitos que foram os que vibraram mais, talvez, porque estavam a ver naqueles dois irmãos os seus mestres de amanhã. O almoço não poderia ter corrido melhor!

Às 15 horas e 30 minutos chegaram alguns rapazes das Casas do Norte e Sul acompanhados pelo Sr. Padre Manuel António e pelo Sr. Padre Acílio que também quiseram vincar a sua presença num dos dias mais felizes da Obra da Rua. Ainda vieram a tempo da sessão que começou logo que chegaram.

É de notar que os casados que já foram desta casa também não quiseram faltar a esta festa, comparecendo, retribuídos com suas mulheres e filhos.

O palco estava artisticamente preparado. Ao centro, o retrato de Pai Américo feito pelo Carlos Alberto com duas palmas por baixo dispostas em cruz. Ao lado direito, a Bandeira Nacional. Do lado esquerdo, o mapa de Portugal. Por baixo do retrato estava ainda uma candeia acesa significando a luz da nossa fé na eternidade.

A sessão era composta em duas partes: — a 1.ª abrangen algumas poesias a Pai Américo; discursos sobre a missão dos nossos Professores ao serviço da Obra: a declamação de poesias tiradas do livro de curso deles; a oferta de duas prendas valiosas e ainda a terminar uma peça apropriada ao dia da autoria do Gabriel

que se estreou muito bem; pois foi acompanhada de palmas do princípio ao fim. (Houve ainda quem dormisse... talvez cansado da viagem!)

A 2.ª parte foi uma lição da Sra.ª D. Julieta toda ela cheia de moralidade como último conselho de mestra aos seus discípulos, agora seus colegas, na nobre missão que compete a um professor.

Não só serviu de aproveitamento para eles como também para todos os que ouviram e meditaram. Depois foi-lhes oferecida outra prenda pela Sra.ª D. Helena e Sra.ª D. Julieta.

No fim da sessão houve uma partida de futebol entre o Lar de Coimbra e a Casa de Miranda. No fim do jogo, como não podia deixar de ser, fomos todos para a piscina onde refrescámos um bom pedaço. À tarde houve o terço na Capela e benção do Santíssimo. Voltámos novamente ao refeitório para jantar, onde tivemos outra vez um grande banquete. A seguir ao jantar foram os mais velhos até ao café onde a Sra.ª D. Julieta teve de abrir a carteira. E aí nos despedimos dos casados que foram apanhar o combóio da noite, e assim terminou um dia de festa como jamais a nossa Casa viveu.

No 5.º aniversário da morte de Pai Américo foi, na verdade, um monumento vivo que lhe levantámos.

Horácio

LAR DO PORTO

No fim de mais uma etapa de luta e esforço constante, agrada-nos imenso poder informar os nossos presados leitores, dos êxitos alcançados uma vez mais pelos nossos estudantes, que desempenharam muito bem a sua missão.

Em primeiro uma referência aos estudantes diurnos, pelas boas médias conquistadas, não ficando nenhum abaixo dos 12 valores finais.

Em segundo lugar, os da noite que também se saíram muito bem, conseguindo de igual modo, médias apreciáveis. Estes últimos mereciam ser sublinhados a vermelho, pois são rapazes que têm de dia a sua profissão e à noite aproveitam as horas vagas para se valorizarem e poderem assim, com mais facilidade, singrar na vida.

Temos um que passou este ano para o 5.º da Escola Comercial, outro que vai frequentar o 3.º da Escola Industrial e ainda outro que acabou este ano o seu curso de Guarda-livros, o qual durante 3 anos lhe foi ministrado pela Escola Técnica e Profissional do S. N. E. E. D. P.

A todos estes meus colegas os meus sinceros parabéns pelos êxitos alcançados e que continuem lutando, cada vez com mais ardor, com mais entusiasmo, para corresponderem, na maneira do possível, para que a Obra que lhes deu o ser, se possa orgulhar e dizer: «Bem hajam».

— Bom, mudemos de assunto. A Senhora D. Diamantina tem-me pedido com insistência, para que eu lembre aos nossos benfeitores, a grande necessidade que temos de possuir um frigorífico. Já variadíssimas vezes temos falado nele, mas nunca fomos atendidos.

Se os nossos presados benfeitores tivessem conhecimento das quantidades de carne, peixe e fruta que se estraga, devido à temperatura, concerta não deixariam de fazer alguma

coisa por nós. Seja grande ou pequeno, velho, novo ou usado, tudo serve, pois assim já ficariam resolvidos muitos problemas, que de momento são para nós autênticos quebra-cabeças.

Ficamos esperando que alguém levante o dedo, pois estou ansioso por ver cá o dito frigorífico. Ainda quero ver para quem serão os louros desta vez!

Alberto de Almeida

Crónica de Belém

Aqui mandamos estes centros de mesa. Os vermelhos são para o refeitório grande e os azuis oferecemo-los à Senhora D. Sofia para o refeitório das senhoras. Todas trabalhámos neles menos a Sindita, a Laidita e o Pintainho.

Aproveito para lhe dar a notícia de que a Dina, a Ermelinda e a Isabel ficaram bem no exame da 4.ª classe. Todas as meninas passaram de classe menos a Cilita e a Madalena que ficaram mais um ano na terceira e a Maria de Fátima que continua na 4.ª. Eu passei para a terceira classe. A nossa Mãe escolheu-me para lhe escrever porque sou a mais nova da escola.

Em nome de todas beija-lhe a mão e pede a benção a

Sãozita

Visado pela Comissão de Censura



Hoje é dia da venda do Jornal e acabam precisamente de chegar as seis que agora tratam disso: Fátima, Fatinha, Licas, Fernanda, Marina e Sãozita.

Saem de manhã, depois do pequeno almoço e só regressam a casa muito depois das 13 horas, a não ser que alguma alma caridosa as traga de automóvel, como já tem acontecido em dias de rigorosa invernia ou quando o calor aperta mais.

Cada vendedora leva 25 jornais, o que perfaz um total de 150. Elas, pequenas como são (8 a 10 anos!), já ficariam radiantes se conseguissem vendê-los todos, o que quase nunca acontece. Chegam sempre cansadas e muitas vezes molhadas, outras a abrasar de calor e ainda por cima com o estômago «a dar horas» mas, se não fosse o desconsolo de não terem vendido tudo, que alegria!

A média do produto da venda anda pelos 200 escudos. Quando sobe muito acima é porque algum comprador aproveitou a ocasião para entregar a sua esmola, como aconteceu desta vez, em que uma Senhora pagou com uma nota de 100 e outra com uma de 20. Assim foi atingida a soma de 282\$40.

Há tempos, um dos tais Senhores que costuma trazer as vendedoras a casa de carro, quando faz mau tempo, e lhes compra dezenas de jornais para as livrar da chuva, perguntou quantos costumavam vender. Responderam que 150.

— 150... cada uma?
— Não Senhor, trazemos só 25 cada!

— O quê?! 150 deviam vocês vender à saída de cada missa, que as igrejas ficam sempre cheias!...

Ofereço este ligeiro apontamento à meditação dos visenses que realmente leiam «O Gaiato». Uma conclusão é certa: A grande massa da gente de Viseu não se interessa pelos assuntos de que trata este jornal. Isto nunca poderia ser bom sintoma mas, na época que atravessamos, afigura-se-nos extremamente grave.

Falta de dinheiro ou de tempo para ler?

Nem uma coisa nem outra, na maior parte dos casos. Viseu, a linda Cidade Jardim, tão airosa e limpa e florida, começa a ser conhecida lá fora pela cidade do luxo e dos cafés. Dos cafés onde se gasta muito dinheiro e perde tanto e tanto tempo. Há dias, um francês que cá andou, mostrou-se verdadeiramente admirado com a quantidade deles existentes numa cidade deste tamanho. É verdade! Em Viseu — e creio que por esse Portugal fora — perde-se e estraga-se muito tempo e muito dinheiro. Depois, claro, não chega para o que deveria chegar!

Já que vim até aqui e quase sem dar por isso, sempre quero informar os leitores do destino que venho dando aos jornais que sobram. São os presos da cadeia civil, que fica aqui mesmo em frente da nossa Quinta — os nossos vizinhos mais próximos. Muitos já lhe sabem o dia da chegada e recebem-no com alvoroço. Há tempos havia lá uns reclusos muito simpáticos e comunicativos. Quando as pequenas

vendedoras eram avistadas na estrada, eles logo interrogavam:

— Ó minhas meninas, hoje não sobraram jornais para nós?

— Não senhor, mas temos mais em casa e já cá vimos trazê-los.

— Obrigadinha! Obrigadinha!

— Então os jornais são para os presos? E para nós? — pergunta o polícia que guarda o portão da entrada.

— São para todos — esclarece a Fatinha.

Estes, recolhidos na sua clausura, têm tempo para ler e para meditar. Não os deixarão a um canto, dobrados! E só Deus sabe quanto bem «O Gaiato» não terá já produzido naquelas almas.

Mas nós somos assim! Precisamos que nos visite a provação para aprendermos a dar a cada coisa o devido valor. Para pôr a justiça e a caridade acima da ganância, do luxo e do comodismo; o espírito acima da matéria; e o sobrenatural acima da natureza.

Somos como crianças amimadas que só levam a sério os conselhos da Mamã quando o Papá castiga.

Precisamos de ser provados!

Pois aí temos o Senhor de todas as coisas boas que nós usufruímos a visitar-nos com dura provação... Prouvera ao mesmo Senhor que fossem muitos os Portugueses a tirar proveito dela, para que nos resolvamos a seguir, pelo caminho da renúncia, à realização integral da vocação que nos vem do Alto.

Inês — Belém — Viseu

